

Identificação de uma mulher: As escrituras do Agente Desconhecido e a franco-maçonaria esotérica no século XVIII

Christine BERGÉ

BERGÉ, Christine. Identification d'une femme. Les écritures de l'Agent inconnu et la franc-maçonnerie ésotérique au XVIIIe siècle. In: *L'Homme*, 1997, tome 37 n°144. pp. 105-129.

DOI: <https://doi.org/10.3406/hom.1997.370360> Acesso em: www.persee.fr/doc/hom_04394216_1997_num_37_144_370360



Tradução

Cídio Lopes de Almeida

BERGÉ, Christine. Identificação de uma mulher: As escrituras do Agente Desconhecido e a franco-maçonaria esotérica no século XVIII. Tradução Cídio Lopes de Almeida. São Paulo: AMF3 Escola de Filosofia. Disponível em: <https://amf3.com.br/identificacao-de-uma-mulher-as-escrituras-do-agente-desconhecido-e-a-franco-maconaria>

Acesso em (dd/mm/aaaa)



Resumo

Christine Bergé - Identificação de uma mulher: As escrituras do Agente Desconhecido e a maçonaria esotérica no século XVIII - No final do século XVIII, entre os maçons lioneses, chegam Cadernos contendo um novo ensinamento esotérico. O autor, que deseja ocultar sua identidade, se autodenomina o "Agente Desconhecido" e afirma escrever sob a inspiração do espírito da Virgem Maria. A recepção dessas escrituras reflete a inquietação da época e a busca pelo conhecimento em um período em que a ciência está se desenvolvendo.

Palavras-chave: escrita — maçonaria — magnetismo — mística — psicanálise

Escrever e assinar com nosso nome o texto que produzimos nos parece algo comum. Isso implica em nos reconhecer e nos manifestar como autores do texto. O caráter das escritas não ordinárias, por outro lado, consiste em introduzir um deslocamento: aquele que escreve não se reconhece como autor das palavras. O místico divinamente inspirado, o médium em escrita automática, se apresentam como intermediários e apontam para Outro (Deus, espírito) como o verdadeiro autor. O apagamento do sujeito escrevente por trás da trilha escrita é acompanhado por queixas: sob a pressão do invisível, aquele que é o instrumento se abre, se desintegra, sofre e quase morre, mas se sustenta por meio desse trabalho. A escrita, submetida a essa prova de limites, será apenas

o vestígio de uma passagem numinosa? O Outro, ao passar, não apenas rasga um pedaço de papel real: acolheríamos essas lacunas, essas migalhas do inefável. Ele lança aquele que escreve nas dores, como se o corpo intermediário devesse pagar por ser penetrado pelo inefável¹.

Foi durante uma pesquisa sobre essas escrituras não comuns que me deparei com um objeto, no mínimo, desconcertante, que suscita a necessidade de questionamento.

Se escolhi apresentá-lo como um possível objeto antropológico, é porque ele tem o mérito de se situar na encruzilhada de várias interpretações. Trata-se dos Cahiers recebidos em 5 de abril de 1785 pelo franco-maçom de Lyon Jean-Baptiste Willermoz, fundador da loja La Bienfaisance e negociante de seda. Aquele que os entregava, Alexandre de Monspey, comandante da ordem de Malta e maçom da mesma loja, descreve ao receptor as condições extraordinárias em que a escrita ocorreu.

Essas "missivas miraculosas vindas do Céu" tinham sido "recebidas" por sua irmã, Marie-Louise de Monspey, conhecida como Madame de Vallière: dos "espíritos puros" se apoderavam da sua mão e a faziam traçar escritos, dos quais ela só tomava conhecimento ao relê-los. Quando ela sentiu que o conjunto das mensagens era destinado a Willermoz, para que ele dispensasse o ensinamento nelas contido, Madame de Vallière pediu a seu irmão que entregasse os Cadernos ao principal interessado. Designado pelas potências divinas como o "pastor" de um novo tipo de eleitos, Willermoz foi chamado a fundar uma nova loja, a Loja Eleita e Amada da Beneficência, que receberia a Iniciação secreta. No entanto, aquela que recebia as mensagens, e que havia encontrado o negociante apenas duas vezes, desejava permanecer na sombra. Ao se autodenominar a partir de então como o "Agente Desconhecido", ela iniciava sua carreira como "escritora sagrada", conforme ela mesma se designa.

Vou detalhar mais adiante a história desses Cahiers. Apenas recordemos que sua escrita continuou de 1785 a 1799, e que a maioria dos originais foi quase toda destruída posteriormente pelo autor. Os diversos fragmentos que chegaram até nós são em grande parte fruto do paciente trabalho de copista de Louis-Claude de Saint-Martin², filósofo e franco-maçom que permaneceu próximo de Willermoz por muito tempo. A maioria dessas cópias faz parte do acervo antigo da Biblioteca Municipal de Lyon³. No entanto, o manuscrito no qual trabalhei, também estabelecido por Saint-Martin, é o Livro dos Iniciados, um texto de cento e dezesseis páginas preservado nos documentos do maçom Prunelle de Lière⁴, de Grenoble. Parece ter sido destinado à instrução daqueles membros da loja que não residiam em Lyon e contém parte das escrituras do Agente Desconhecido produzidas entre 1785 e 1796.

Um texto quase ilegível

O escrito que abordo aqui pertence a essa categoria de objetos indesejados e frequentemente rejeitados pelos campos da pesquisa. Alguns se aventuraram em sua leitura, atraídos tanto por sua estranheza quanto repelidos pelo caráter obscuro da forma e do conteúdo, dos quais proponho explorar alguns aspectos. Alternadamente percebido como um escrito mediúnico antes de sua época e como o protótipo de um texto delirante, o objeto cristaliza, de maneira selvagem, as expectativas, sofrimentos e descobertas em

¹ Em relação à conexão entre a escrita e o misticismo, faço referência às análises esclarecedoras de Michel de CERTEAU (1982).

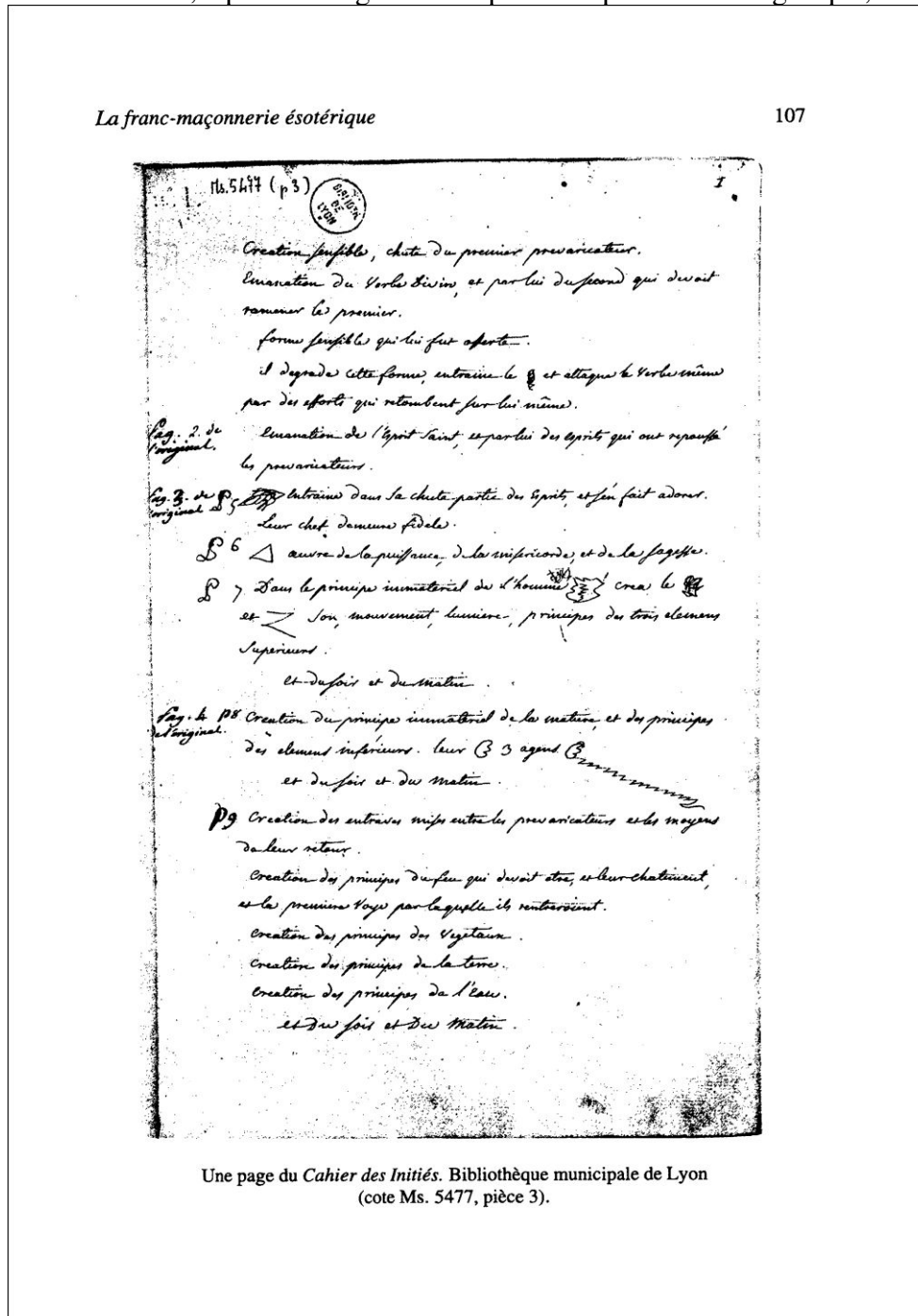
² Louis-Claude de Saint-Martin foi um dos membros da Loja Eleita e Amada da Beneficência, fundada por Willermoz.

³ Fundo Willermoz, Ms. 5477, B. M. Lyon. Dois manuscritos autógrafos estão preservados no fundo Encausse, M Encausse 1, B. M. Lyon

⁴ Livro dos Iniciados, Documentos Prunelle de Lière, T 4188, B. M. Grenoble

gestação no final do século XVIII. Minha hipótese se baseia em uma indagação sobre a mística (no sentido de Michel de Certeau) em suas variações culturais, confrontada com os diversos contextos representados pelo esoterismo, magnetismo e cristianismo em torno das décadas de 1780 e 1790.

Devemos a Alice Joly a primeira tentativa séria de abordar os escritos do Agente Desconhecido⁵, e podemos agradecê-la por ter superado a "fadiga" que, não sem ironia,



Une page du Cahier des Initiés. Bibliothèque municipale de Lyon (cote Ms. 5477, pièce 3).

ela confessava ter sentido ao decifrar esses textos. Tendo descoberto esses escritos antes de ler os trabalhos da arquivista, eu inicialmente fiquei tão perplexo quanto um leitor não familiarizado. Como descrever essa linguagem estranha, complexa e poética, fluindo em

⁵ Arquivista-paleógrafa, Alice Joly trabalhou em todo o Fundo Willermoz. Seus dois livros (1938, 1962) são uma abordagem significativa do contexto histórico dos escritos do Agente Desconhecido.

uma linha tênue, pontuada quase vagamente? Enredam-se, em redes entrecruzadas, discussões sobre a anatomia, medicina, ciências e religião, sobre as relações entre homens e mulheres, ou sobre os sacramentos e a história das iniciações secretas. Passa-se de uma ideia para outra, ou de um fragmento de ideia para outro fragmento, através de uma livre associação de imagens. Escrito como se inspirado por um sonho desperto, o texto adota um tom recitativo, desdobrando-se dentro de um tempo mítico e projetando-se em um futuro distante, com a entonação das vozes proféticas. O leitor inicialmente percorre um labirinto de termos desconhecidos, mas gradualmente se torna familiarizado com esse estilo, que ele encontra nas várias cópias: "Ser puro, único ser, plenitude em triplo ur, visão inacessível às irmãs, visão infinita, amor inocente, vivei nele...". Assim se inicia, escrito com a pena, uma longa invocação dirigida aos "Maçons da Escócia", que forma a maior parte do Livro dos Iniciados. O texto é acompanhado de um glossário pelo qual os Iniciados tentaram decifrar os termos enigmáticos que pontilham os Cadernos, termos dos quais a citação acima oferece alguns exemplos. O leitor contemporâneo percorre com espanto esse repertório que começa com a palavra "amos", cuja definição se apropria da própria língua que ela decifra: "Amos é a lei em voos assegurado onde ela está armada em vida corporal. Voos é sempre seu suporte." Assim começa uma viagem ao país daqueles que Marina Yaguello (1984) designa como os "loucos da linguagem", esses inventores de idiomas que despertam nossa curiosidade.

Para acompanhar os meandros desta escrita, os iniciados elaboram uma lista de cerca de trezentos vocábulos que representam o que eles chamam de "língua primitiva". O léxico primeiro nos dá uma visão, por assim dizer, musical: a declinação de *amros*, *espos*, *consuros*, *imao*s e *possos* que tiramos do meio de outros, responde às consoantes mais fluidas de *amiel*, *ael*, *cycloïde*, *dórela*, Gabriel, Seliel, às quais se opõem os sons ásperos de *Congor*, *involox*, *oulog*, *Raabts*, *savoudor*. O ouvido percebe várias destas sonoridades como o eco distante das línguas grega e latina, às vezes esmaltadas de elementos semíticos. A "língua primitiva" só aparece em fragmentos (palavras, expressões ou grafias), o essencial do texto está em francês. Ela não parece ter sido destinada à expressão oral, e apresenta inclusive grafias impronunciáveis.

No dia 18 de abril de 1785, o Agente Desconhecido colocou por escrito a definição de alguns termos (manuscrito, páginas 34 a 49) e revelou sua "Via desconhecida" sob o título "Lei do Amor com explicação das palavras". O leitor descobre, por exemplo, que a "voos" é "o amor apoiando sua visão no objeto que invoca onde está o amor em ato brilhante" e que "vivos" é "a porta intelectual onde o homem alcança por vias sobrenaturais em ouro".

As definições pertencem a um vocabulário sagrado. De fato, a linguagem inventada pelo Agente Desconhecido aborda especificamente os registros esotéricos, as partes cosmológicas e teológicas de seu discurso: a cada vez que um ser sagrado ou um sentimento muito piedoso é evocado, isso é feito na chamada língua primitiva. Além de grafias originais e palavras desconhecidas, o Léxico apresenta alguns termos que foram certamente retirados de textos esotéricos, como os *elohins*, e um conjunto de nomes próprios como Amiel, Babilônia (sic), Gabriel, Seliel, Seth, que se referem a anjos ou potências cujo status é por vezes reinventado. Por fim, o Agente Desconhecido utiliza alguns termos de sua língua materna, em uma sintaxe e sentido inéditos: é o caso de "a alma sensível", que é "l'émation de la estos coupable"; ou o Verbo, que é "a seos das virtudes inteligentes".

Pode-se questionar com que ouvido os Iniciados receberam esses textos. Para nós, que nos aproximamos dessa escrita no silêncio das bibliotecas, é agradável imaginar que eles os liam juntos. Lembremos que Willermoz havia transformado isso em matéria de ensino, e os Iniciados de Lyon se reuniam para estudar a Via dada pelo Agente Desconhecido.

De imediato, o leitor percebe nesses textos uma forma de música que, por si só, veicula todo um clima. Não entendendo quase nada, tanto o conteúdo é estranho à primeira vista, ele se vê embarcado. Ele se encontra às voltas com algo vertiginoso. Essa maneira como o escrito leva seu leitor a um estado indefinível leva-me a fazer a seguinte pergunta: em que estado esses escritos foram produzidos? É notável que as sonoridades da língua primitiva, além de evocarem uma espécie de tempo arcaico, também se combinam no texto com uma poética da língua francesa que não é apenas a do século XVIII. É a própria Madame de Vallière que inventa uma maneira de escrever sua própria língua. E o uso que ela faz nos deixa entrevê-la como uma língua mítica. O que o leitor percebe então como um mergulho em um tempo fora do tempo estaria ligado a um estado de consciência particular, aquele em que escrevia a condessa?

Essas questões, sobre as quais retornarei mais adiante, significam que os escritos do Agente Desconhecido exigem que se aprofunde no texto, aceitando ser levado por esse estado indefinível, a fim de seguir o entrelaçar das redes de significado. Pois, se permanecermos no uso frio da razão, rapidamente descartaremos esse texto como uma das elucubrações das quais a mente humana é capaz⁶. Em outras palavras, o quase ilegível exige, para se tornar decifrável, uma abordagem de leitura apropriada.

La quête de la langue adamique

Para compreender o contexto no qual esses escritos surgiram, é necessário lembrar o quanto pareciam capazes de atender às expectativas dos maçons liderados por Willermoz. O leitor que descobre o Livro dos Iniciados nos documentos do maçom grenoblense Prunelle de Lière, depara-se também com as extensas folhas onde Prunelle copiava os exercícios de tradução gráfica das línguas antigas. Essas tabelas, nas quais a mesma letra em hebraico, copta, sírio, grego, desfila suas variações em pequenas caixas, testemunham uma tentativa de encontrar a combinação que permitiria remontar à língua única das origens. Em si, a busca por tal língua já estava na moda. Mas para os Iniciados, só poderia ser uma língua sagrada: a língua da Verdade.

Desde então, compreende-se que as escrituras do Agente desconhecido tenham sido percebidas como provenientes da língua esperada. O Livro dos Iniciados define o significado de alguns termos da língua original e, em seguida, menciona, na data de 8 de maio de 1785, um novo título: o Livro da Verdade, acompanhado de um credo e de seus artigos que designavam onze membros sagrados conduzidos por Jesus. Cabia ao Agente escrever a "Ciência" em sua unidade.

Se ele escreve na língua original, é porque está ligado com o mundo anterior à queda. Este é o sentido de seu pedido: 'nenhum erro deve ser atribuído à sua mão'. A escrita é descrita como uma fonte sem cálculo, cuja razão se afirma estrangeira. O Agente Desconhecido afirma depositar 'sua esperança em um trabalho desconhecido onde ele só conhece uma palavra quando a traça' (ms., p. 111). A ignorância que preside o desenrolar do texto se apresenta como uma prova da sacralidade da escrita. No entanto, essa ignorância em nada é profana. Aqui, ela é uma das versões da *docta ignorantia*, retomada por uma mulher que veremos que foi tudo, menos ignorante

Em resposta à busca da língua adâmica, parecem ter surgido os escritos do Agente desconhecido, que a partir de então dedicou sua existência a eles. Mas essa correspondência entre a expectativa dos maçons e o trabalho do Agente, como foi formada?

Histórias secretas, conhecimentos velados

⁶ Isso é o que Paul Vuillaud (1928) fez com um desprezo inaceitável.

A história do Livro dos Iniciados não passa de uma pequena ponta de um iceberg escondido. Uma boa parte dos documentos coletados por Willermoz foi destruída⁷, e muitos escritos foram queimados ou escondidos pelos próprios protagonistas. A descoberta do Livro possibilitou que fosse revelado aos leitores de hoje o que restava guardado sob o selo do segredo maçônico. É assim, como vamos ver, que o trabalho do Agente desconhecido faz eco a várias histórias secretas que esclarecem, então, a distorção relativa a esse texto.

É necessário descrever aqui o contexto esotérico no qual esses escritos foram recebidos. Sabe-se bem atualmente, no que diz respeito à história da franco-maçonaria, o papel fundamental que a cidade de Lyon desempenhou na formação do Rito Escocês Retificado (Le Forestier 1970). O principal autor desse sistema, Willermoz, fez com que duas fontes nele se juntassem: o ensinamento de Martinez de Pasqually e as orientações da Estrita Observância Templária, uma ordem alemã. O comerciante foi de fato iniciado em 1767 na ordem dos Eleitos Cohens, concebida por Pasqually como o ponto máximo da ciência maçônica. Esse ensinamento está contido no único livro que ele escreveu, o Tratado da reintegração dos seres (ver Martinez de Pasqually 1974). Os eleitos estudavam a hermenêutica do Gênesis: além de uma decifração das condições esotéricas da queda do homem, o texto dava as chaves de um caminho de "reparação". Os cohens se tornariam os instrumentos de regeneração da humanidade, graças às práticas teúrgicas pelas quais invocavam os anjos de luz. Com a morte de Pasqually, em 1774, Willermoz se tornou o guardião das chaves secretas do seu mestre. Ele redigiu as etapas iniciáticas nas Instruções destinadas aos maçons mais elevados na hierarquia, sendo todo o dispositivo coroado pelo grau de Grande Professo.

Roger Dachez (1996) mostrou como o ensino de Pasqually desenvolve uma leitura esotérica da história: o trabalho sagrado dos Cohens pertence a uma história secreta cujos protagonistas são seres velados. Essa ideia, cara a Willermoz, une-se então à segunda fonte do Rito Escocês Retificado, a saber, a Estrita Observância Templária. Ao forjar esse sistema em 1773, o barão CG. von Hund reivindicava ser o continuador da ordem do Templo (destruída em 1314) que, segundo a lenda, nunca teria desaparecido totalmente. Seus chefes teriam se escondido sob um nome e uma condição emprestada. Willermoz, filiado à Estrita Observância Templária, se mantinha bastante apegado a essa versão. Como veremos, sua reação diante dos textos do Agente Desconhecido prova seu desejo de pertencer à história secreta.

Muito antes de estar diante dos escritos de Madame de Vallière, Willermoz fez sua a visão da história professada pelo seu mestre. Para Pasqually, o homem de antes da queda tinha acesso à ciência divina. Contudo, essa ciência, conservada por Noé, foi traída por um de seus descendentes. A maioria dos homens, privados do saber verdadeiro, só conseguira produzir falsas ciências. Somente alguns iniciados transmitiam em segredo o saber antigo. Era a essa tradição que os Eleitos Cohens deveriam pertencer.

Não se sabe como esses conhecimentos chegaram a Pasqually, o qual dizia que a ciência que ele transmitia "não vem do homem"⁸. Do mesmo modo, Willermoz não se designava como o autor das Instruções. De onde vem essa verdade revelada? Dachez (1996: 83-84) lembra que se a verdade não tem fonte humana, "os textos que a relatam, se existirem, mal têm um escritor, uma mão que segura a pena, mas nada além disso".

Essa "mão que segura a pena", esse não autor das verdades, revelou-se a Willermoz em abril de 1785. O Agente desconhecido retomava o mesmo tema e se colocava na cadeia dos eleitos ao afirmar que o seu trabalho prolongava a iniciação dos

⁷ Um dos dois baús nos quais Willermoz reunira seus arquivos foi destruído por uma explosão durante o cerco de Lyon em 1793.

⁸ Tratado da reintegração..., pág. 39, citado por R. Dachez (1996: 83).

Mestres da Escócia (ms., pág. 27). O escritor oculto se dava assim como participante da história secreta. Ao ler o vocabulário empregado, fica-se impressionado por esses termos que declinam o segredo e o oculto: "caminho velado", "véu de amor", "inocentes velados", "véu indecifrável", termos que se dirigem a Willermoz como condutor dos Iniciados designados por meio da escrita (ms., pág. 84).

Essa "mão que segura a pena", esse não-autor das verdades, revelou-se para Willermoz em abril de 1785. O Agente Desconhecido retomava o mesmo tema e se posicionava na cadeia dos eleitos, afirmando que seu trabalho prolongava a iniciação dos Mestres Escoceses (ms., p. 27). O escritor oculto se apresentava, assim, como participante da história secreta. Ao ler o vocabulário utilizado, destaca-se a presença desses termos que exploram o segredo e o oculto: "caminho velado", "véu de amor", "inocentes velados", "véu indecifrável", expressões que se dirigem a Willermoz como condutor dos Iniciados designados por meio da escrita (ms., p. 84).

Quais eram esses véus e segredos?

No texto do Agente, percebe-se como um eco dos escritos de Willermoz. Um eco bastante peculiar, de fato, pois oferece uma interpretação única da história secreta que complementa de maneira original as visões de Pasqually e seu discípulo. Contudo, a percepção desse eco, para o leitor contemporâneo, se baseia na ideia de que o Agente desconhecido deve ter lido os textos de Pasqually, se não os das Instruções aos Grand Profès, grau alcançado por seu irmão, Alexandre de Monspey. No entanto, como Marie-Louise de Monspey poderia tê-los lido, já que este afirma ter sempre observado seu dever de silêncio? Os receptores dos escritos do Agente não deixaram de se surpreender com essa semelhança com os ensinamentos de Pasqually: a hierarquia dos espíritos, a história da iniciação, as meditações sobre o Gênesis e até mesmo o uso de grafos ilegíveis para designar o inefável... Uma mesma verdade emerge por duas vias distintas!

No texto do Agente, ouve-se como um eco dos escritos de Willermoz. Eco muito estranho, na verdade, porque propõe uma leitura da história secreta que completa de forma original as visões de Pasqually e de seu discípulo. Contudo, a percepção desse eco se baseia, para o leitor de hoje, na ideia de que o Agente Desconhecido deveria ter lido os textos de Pasqually, se não os das Instruções aos Grandes Professos, grau ao qual seu irmão, Alexandre de Monspey, havia ascendido. Ora, como Marie-Louise de Monspey poderia tê-los lido, visto que este último afirma ter sempre observado seu dever de silêncio? Os destinatários dos escritos do Agente não deixaram de se surpreender com essa semelhança com os ensinamentos de Pasqually: a hierarquia dos espíritos, a história da iniciação, as meditações sobre o Gênesis e até o uso de gráficos ilegíveis para designar o inefável... Uma mesma verdade surgia por dois caminhos separados!

Não parece que a condessa tenha sido alguma vez instruída sobre os mistérios martinistas⁹. Para nós, a questão permanece sem resposta. Seu irmão, violando o segredo maçônico, revelou-lhe algo sobre a doutrina de Pasqually? Nesse caso, ambos teriam mentido. Ou Madame de Vallière teria, na ausência de seu irmão, vasculhado os papéis pessoais onde ele registrou o fruto de seus estudos? É possível imaginar de que culpa, então, teria sido alimentada a fonte da escrita. Ou ainda, ela teria capturado alguns fragmentos de discussão secreta entre Cohens, fragmentos a partir dos quais teria tecido suas próprias interpretações? Mais inverossímil: será que ela foi clarividente a ponto de ler na mente de seu irmão o palimpsesto da ciência martinista? O estilo embolado e o incrível entrelaçamento que caracterizam os textos do Agente, seriam oriundos do fato de que ele precisou ser astuto para esconder o que sabia, sendo para ele um saber proibido?

⁹ Uma carta de Saint-Martin a Willermoz (Bordéus, 18 de janeiro de 1772, publicada por R. Amadou 1981: 34) nos diz que este último pedia a Pasqually instruções para abrir às mulheres uma parte de seu ensino. Contudo, o Mestre parece não ter dado sequência.

Ou são a marca de um saber esquecido, reprimido, cuja reminiscência teria sido favorecida durante um estado sonambúlico? Deixemos essas questões por enquanto. Como me é impossível, no âmbito deste artigo, dar uma visão geral sobre o trabalho do Agente desconhecido, eu escolherei alguns temas que ilustram o espírito no qual esses escritos reorientaram as aspirações dos Eleitos Cohens¹⁰.

Os escritos do Agente retomavam a ideia de uma tradição dos sábios, à qual pertenceria Willermoz, mas acenavam a todos os seres que seriam “reparados” da falta se seguissem a Iniciação proposta. Qual era o segredo dessa reparação? É aqui que o Agente completava a simbólica maçônica do templo de Salomão, segundo a qual o corpo do homem é a pedra bruta que o iniciado deve trabalhar para participar das energias salvíficas do universo (Faivre 1986). O Agente propunha uma outra leitura do corpo, convidando a novas relações entre homens e mulheres. Ele chamava os iniciados a decifrar o conhecimento oculto neste “véu reduzido às violências informes da anatomia”. A ciência anatômica, que para o Agente era uma falsa ciência, continha, no entanto, um acesso secreto à verdadeira ciência do corpo.

Assim fragmentada, entrelaçada a outros temas, se desprende toda uma doutrina da carne que apelava a “desvendar o interior do triste cadáver”. Conhecer o corpo se resume a isto: ler a sua verdadeira desordem, a sua “medida invertida” pelas quais Deus conta aos homens a história repetida da falta original. Madame de Vallière vê na posição inclinada do coração, na ordem da digestão, ou naquela pela qual os nossos sentidos informam o nosso pensamento, a “prova escrita” dessa inversão.

Esse conhecimento deveria ser, para os Eleitos, a entrada em um caminho de salvação. Diferentemente de Pasqually, o Agente não preconizava jejuns, nem rituais complicados. É claro, algumas prescrições alimentares eram dadas. Contudo, a chave de tudo era a purificação do amor. A degradação dos caminhos carnis desde a queda original deveria corresponder toda uma arte, uma forma de alquimia da alma e do corpo. Os tons ao mesmo tempo ardentes e severos, pelos quais o Agente reivindicava para as mulheres uma alta consideração, iam de encontro aos costumes libertinos do século. As suas meditações sobre a anatomia abriam à esperança de que “o amor justo em ouro” libertaria o homem e a mulher dessas humilhações (ms., pág. 104). Poderíamos nos ater a essa visão mística de um casal de Eleitos. Contudo, seria dar uma imagem otimista e por isso mesmo inexata. As páginas escritas pelo Agente contêm na realidade um apelo bastante desesperado.

Esse tom de fogo, como apressado pela ideia da morte, assombrado pela culpa, pode perturbar o leitor. Algumas frases permaneceriam totalmente incompreensíveis, se não parecessem revelar os fragmentos de um outro segredo. O Agente desconhecido, que afirma muitas vezes que “Foi Maria quem segurou a pena”, se coloca sob o signo daquela que representa para ela a cifra do amor supremo. Isso é dito desde o início, por renúncia da “*Love's Law*”. O leitor do Livro, conforme avança nas páginas, vê com estupefação o texto invadido, quase contaminado pela palavra amor, que se declina também como amares, amora, e se divide em categorias explícitas como o amor sensível ou amor vil; amor puro, amor infinito, amor purificador ou amor pacificador. Para seguir no caminho certo, o Agente pede aos Eleitos que sigam Maria, a “mãe velada” de Cristo.

Maria aparece pouco a pouco como o modelo ideal do Agente. A Maria, mulher que permaneceu virgem, a condessa pedia que sustentasse “o amor desorientado, que para viver em vida humana não tem mais entrada livre do que uma vergonhosa” (ms., pág. 57). Seria o seu? Esse amor desorientado, junto à expressão de um ardor que extrapola o texto,

¹⁰ O Agente empreendeu uma reforma significativa nas orientações maçônicas dos Eleitos Cohens, muito mais inspirada no catolicismo do que a preconizada por Pasqually. Consulte July 1962 para mais informações.

é percebido musicalmente no afluxo da consoante *m* como uma forma de lamento. Sob o véu dessa "via de amor" que o Agente professa, surge uma dolorosa confissão dita e contida sem cessar. Seria um apelo a um ser "reparado" com quem seria possível uma união pura? Ao desejo reprimido ecoa algo como o sentimento de uma falta implacável que infiltra o texto. Seria a falta de Eva Primitiva? Entre Eva e Maria, o Agente às vezes vacila. Pode-se entender essa forma de solidariedade feminina que pede que se devolva à mulher o "destino inocente". Mas como ler esta passagem, em que o Agente parece misturar, num mesmo recitativo, o tempo do mito e do real, mas de um real que seria como distorcido em sua memória pessoal: "Aqui é ordenado à mão a confessar um *ur* em carregando-o consigo - o amor pelos enfermos não lhe pareceu senão uma ação material; caminho sagrado em seu desejo sobre um corpo languido, ele restabelece a harmonia pura ao pedi-la em livre *voos* em nome do sagrado Jesus Cristo. Aqui, sob os títulos de um coração que reconhece seu benfeitor, um ser "reparado" ousou unir-se ao agente em que estava sua lei de casamento [...]" (ms., pág. 110).

Nos escritos, a história secreta como cifra do destino dos homens esconde várias outras histórias. Aquela que liga o Agente à pessoa de Willermoz não é somente legível em filigrana, nos enunciados do puro amor em relação a uma "irmã forte" com a qual partilhar "mais uma vez os doces tesouros". Ela prolonga-se em um tempo que excede o Livro e pertence aos anos seguintes. O encontro, desentendimento e a reconciliação deles não têm interesse para nós, a não ser porque eles acompanharam e talvez provocaram a escrita dos Cadernos.

Temporalidades entrelaçadas

Para alcançar o coração do sistema iniciático (Faivre 1986) era necessário aos Eleitos um longo trabalho que dividia sua vida entre um tempo sagrado e um tempo profano. Em um, Willermoz era pastor dos Iniciados, no outro um comerciante de seda de Lyon. Os compromissos espirituais de Willermoz são, no entanto, legíveis como correlatos de uma busca, muito profana, de elevação social. É interessante questionar a origem daqueles que aspiravam a cargos maçônicos (Garden 1975: 302-310). Alice Joly (1962: 109) ressalta que os filhos espirituais de Willermoz "pertenciam todos aos meios da aristocracia e da burguesia que se pode qualificar de vanguarda, frequentemente movidos pela sensibilidade à moda, curiosos por luzes, progressos e inovações de todos os tipos".

Willermoz e o Agente desconhecido compartilhavam as inquietações e as paixões da época: Mesmer e suas curas magnéticas, as prodigiosas descobertas da ciência, mas também a rápida mudança dos costumes e o cristianismo atacado. É aqui que é preciso apresentar a face "magnética", por assim dizer, dos nossos dois personagens. Esse aspecto nos interessa porque se articula de uma forma original à sua natureza mística. Ele também nos permite esclarecer o processo pelo qual surgiram os escritos do Agente.

Marie-Louise de Monspey vivia com seu irmão na propriedade familiar de Vallière. Françoise Haudidier (1981) nos apresenta o ambiente peculiar que foi o do Agente Desconhecido. Ela traça a história da abadia de Saint-Pierre de Remiremont, onde as cinco irmãs Monspey (das quais o Agente era o mais velho) eram cónegas. A abadia se orgulhava da linhagem das nobres damas que assumiam funções ali, e podemos imaginar a influência desses lugares, ao mesmo tempo místicos e mundanos, sobre a pessoa de Madame de Vallière. Foi aos quarenta e cinco anos que ela ingressou em *Remiremont*, após suas quatro irmãs que já faziam parte do Capítulo há vários anos. De

acordo com a correspondência preservada nos arquivos do conde¹¹, está claro que as cônegas eram cultas e receptivas às inovações de sua época. Elas liam Buffon, discutiam sobre Mesmer e Lavoisier, e se interessavam pelas sociedades secretas de Lyon. Elas também escreviam. Annette de Monspey publicava seus poemas no *Journal des Savants*, e Marie-Louise tornou conhecidos suas *Reflexões Filosóficas*¹². Essas mulheres letradas também não estavam desprovidas de vocação religiosa. A história do Capítulo mostra que, desde a reintrodução da regra beneditina pela fervorosa Catherine de Lorraine, o espírito místico e caritativo guiava as abadessas. Desse impulso místico, Marie-Louise de Monspey deixou uma marca visível no retrato pintado por um artista da Lorena. A vemos com o rosto voltado para o céu: seu olhar, ao mesmo tempo ardente e nostálgico, é quase extático. Nove anos após sua entrada no Capítulo, o Agente Desconhecido começava suas escrituras inspiradas.

Assim, enquanto Willermoz praticava os rituais teúrgicos, Madame de Vallière se engajou no caminho místico. Contudo, foi o magnetismo que colocou os dois protagonistas em contato, graças ao papel de intermediário desempenhado pelo irmão da condessa. Alexandre de Monspey, muito cedo interessado pela doutrina de Mesmer, foi um dos primeiros magnetizadores da região. Tendo se tornado Grande Professo, ele era próximo a Willermoz; os dois maçons trabalhavam na mesma sociedade de magnetismo de Lyon, La Concorde, onde Willermoz tentava espiritualizar as práticas mesméricas ao acompanhá-las de invocações aos anjos. Em 1784, quatro jovens chegaram para cuidar de si lá, entre elas Jeanne Rochette, que se tornou famosa por seus *Sonâmbulismos*, anotados pelos maçons¹³.

Esse magnetismo lionense, conduzido pelos Eleitos Cohens, deu origem a práticas inspiradas em suas preocupações esotéricas. Graça ao jogo de perguntas e respostas, a jovem Rochette começou, no início de 1785 (alguns meses antes das manifestações do Agente), a ver as almas dos mortos, a se tornar o oráculo do destino dos Templários e da 'verdadeira' Iniciação... Ela chegou a construir uma doutrina do sono magnético. Willermoz dedicou toda sua atenção a isso, que fazia do estado magnético um estado de êxtase no qual, segundo Jeanne Rochette: 'a alma se aproxima de seu estado original e se torna capaz de se comunicar com seu anjo da guarda, por meio do qual ela aprende a verdade das coisas que ignora em seu estado natural' (ms. 5478, peça 4)." Para os Cohens, a sonâmbula tornava-se um instrumento de conhecimento metafísico, e o estado magnético uma forma de restabelecer a conexão com a natureza adâmica. Nisso, eles se distanciavam das pesquisas de Puységur, que, ao mesmo tempo, explorava com preocupação científica as surpreendentes capacidades diagnósticas e terapêuticas demonstradas por seus pacientes adormecidos: visão do interior do

¹¹ Arquivos hoje sob a responsabilidade de Hélène de David-Beauregard, arquivista da família de Monspey.

¹² Cf. Joly 1962 : 43.

¹³ Os Sonâmbulismos de J. ROCHETTE, 11 cadernos manuscritos. Ms. 5478, B.M. Lyon; cf. também Joly 1938, Edelman 1995: 21-30. Para o contexto magnético em Lyon, cf. BERGÉ 1995: 13-55



Marie-Louise de Monspey ou « Églé de Vallière »
 (Archives de Mlle Hélène de David-Beauregard).
 Renaissance traditionnelle, octobre 1981, 48 : 271.

corpo, ditado dos remédios apropriados e pré-cognição das etapas da cura¹⁴. Eles não deram ouvidos a esse "médico interior" que podia falar aqui e agora pela boca dos doentes (Peter 1993).

O contexto magnético no qual as escrituras do Agente surgiram abre um conjunto de questões que nos interessa aqui. Monspey teria experimentado em sua irmã os efeitos de sua técnica pessoal de magnetismo? Isso é sugerido por Alice Joly (1962: 21): "Sua técnica parece ter exercido uma grande influência sobre o milagre de sua irmã." Willermoz também parece ter acreditado na influência de Monspey sobre as produções do Agente. Assim, poderíamos pensar que, em estado magnético, Madame de Vallière desenvolvia uma forma de escrita em transe. No entanto, se o transe sonambúlico lança luz sobre o processo de seus escritos (essa forma de devaneio que associa imagens por contiguidade), não esclarece seu conteúdo. Como foi inventada essa mistura original entre elementos martinistas, ideias próprias de Willermoz e propostas inéditas pelas quais apenas a condessa era responsável?

Não somente o conteúdo, mas também o fluxo ardente que o anima, não podem ser explicados pelo estado de transe. Este último poderia ser evocado como um estado que permite a expressão do que, de outra forma, não ousa ser dito. O estilo recitativo das escrituras do Agente, destacado pelo uso frequente do passado simples, dá o tom a este comentário mítico. A decifração do tempo das origens se apoia na única pista presente que resta, o corpo, objeto de nostalgia: "As medidas castas de Adão e Eva atingiram a perfeição na terra; eles eram diáfanos; eles eram livres para percorrer as esferas ou os Planetas ou Luas [...]. A pesada lentidão do homem atual o surpreende" (ms., p. 57).

A perda de um corpo perfeito é o tema de uma queixa repetida. Madame de Vallière não escreve aqui um fragmento de sua própria história, na qual a nostalgia do corpo perfeito, perdida por causa de "a culpa" (a sua?), tomaria o caminho da expressão mítica para se universalizar? É então à história profana que precisamos nos dirigir, para tentar decifrar o tempo deslocado no qual viveu o Agente: entrincheirado em seu domínio ou entre os muros da abadia, suficientemente próximo de Lyon para ter seus ecos, mas não o bastante para tecer vínculos ali; afastado, como uma mulher, do mundo esotérico; talentosa para a escrita, mas não se dando totalmente o direito a ela; cheia de desejos, mas frustrada e bloqueada por medos, tabus.

O corpo e a pena

¹⁴ Cf. Puységur 1986, e também Peter 1993.

Ao retornar à fonte do mistério, isto é, ao processo pelo qual as escrituras tiveram origem, Alice Joly pensou poder resolver o problema de sua interpretação. Se o primeiro movimento era louvável, o segundo me parece insatisfatório: em vez de buscar uma única resposta, eu escolheria, preferencialmente, enriquecer os dados do problema. Gostaria de mostrar aqui que nos aproximamos mais da pessoa do Agente Desconhecido e do segredo de seus escritos ao ouvir o que é inexprimível que se insinua entre as linhas

A escrita dos Cadernos, se estende por quatorze anos, sofre uma interrupção profunda. Entre agosto de 1786 e janeiro de 1789, Willermoz não publica mais nenhuma mensagem. O que aconteceu? O destinatário dos Cadernos havia acolhido sua tarefa com a mesma esperança que o animava toda vez que encontrava um ensino secreto inédito. Mas o caminho das escrituras entrou pouco a pouco em conflito com as palavras de Jeanne Rochette. Bem menos erudita, esta última não conseguia manipular os números sagrados nem as hierarquias celestiais que lhes correspondem. Diante do mundo cada vez mais complexo proposto pelo Agente, a sonâmbula oferecia um espelho reconfortante aos Eleitos. Ela não criticava nada e, principalmente, não prometia nada. Pelo contrário, Madame de Vallière tinha se aventurado pelo perigoso caminho da profecia. Um determinado livro que deveria estar na Biblioteca Real não estava lá, uma testemunha anunciada não se apresentou. Como alguém ávido por resultados concretos, Willermoz ficou irritado. Ele se sentia incomodado por ter que reorientar algumas de suas visões sob a influência de uma suposta voz divina. Além disso, os escritos permaneciam obscuros, difíceis de decifrar. Mas as relações entre o negociante e a condessa só se deterioraram realmente quando Willermoz questionou o processo das escrituras.

Dispondo então de dois emissários do mundo invisível, ele decidiu associá-los. Ele compartilhou sua angústia com Jeanne Rochette, e o Agente desconhecido foi convocado junto à sonâmbula para aprender com esta última como dominar a escrita. Obrigada a passar pela prova da confrontação, a condessa teve que revelar sua identidade. Neste dia de abril de 1787, impulsionada por Willermoz, a sonâmbula tentou fazer com que Madame de Vallière percebesse seus desvios e lhe propôs um tratamento de seis semanas com caldos calmantes e orações para "reeducar sua vontade". Apesar da angústia que, muito mais tarde, o Agente admitiu ter sentido diante da reviravolta de Willermoz, a pena continuou a se mover... No entanto, o "pastor" não considerou útil publicar esses novos Cadernos. A seu ver, o conteúdo tornava-se demasiadamente místico. Willermoz, menos espiritual do que pragmático, sonhava com uma forma de religião científica dotada de ferramentas metafísicas capazes de fornecer provas. A manipulação de uma sonâmbula (na época, desconhecida a força da sugestão) parecia-lhe um processo adequado? Não estaria ele, por sua vez, sendo manipulado pela hábil Rochette? Contudo, ele decidiu. Em 10 de outubro de 1788, ele traiu o segredo do Agente. Convocou os Iniciados, questionou diante deles o caráter miraculoso das escrituras e revelou "o modo e a forma da ação".

Madame de Vallière, durante quase vinte anos, não perdoou Willermoz por essa afronta. Desde 1790, ela o afastou de suas funções na Iniciação e o substituiu pelo irmão Paganucci. Começa então uma luta do Agente para retomar posse de seus escritos. Tratava-se principalmente dos Cadernos do primeiro ano e de um documento contendo uma confissão pessoal sobre a qual a condessa desejava o sigilo absoluto. O comerciante, recusando-se a se separar deles, prometia apagar com pincel as passagens comprometedoras. Exasperada, Madame de Vallière reiterou seu pedido. Devemos a Alice Joly (1962) o acompanhamento do desentendimento entre o Agente e Willermoz¹⁵. Isso nos permite destacar a conexão entre esse novo aspecto do segredo (cujas evidências

¹⁵ Consulte também a correspondência entre Willermoz e Madame de Vallière (Ms. 5885, B.M. Lyon, cartas de 16 de julho a 7 de novembro de 1806).

o Agente queria ver eliminadas) e o processo das escrituras. Por meio disso, podemos questionar a parte inspiradora de Willermoz. Na verdade, enquanto o comerciante foi o destinatário dos Cadernos, o ardor que emanava deles foi para ele uma fonte de perturbação. Ele havia frequentemente pedido à condessa para refrear suas efusões, mas a escrita oscilava ainda mais. Mais tarde, ele a repreendeu por não ter escutado seus alertas dados desde o início das escrituras e por ter continuado a deixar que se derramassem “essas explosões involuntárias de uma imaginação muito preocupada”. No entanto, é notável que uma vez mudado seu destinatário, a escrita dos Cadernos tenha se acalmado. Sob a conduta do “Anjo”, se desenvolveram, de forma muito mais legível, conversas sobre a Bíblia, as orações e os sacramentos, as ciências da natureza e até mesmo uma crítica à obra de Saint-Martin.

Voltemos, portanto, ao processo pelo qual as escrituras foram geradas. Para conhecê-lo, dispomos de duas fontes. Por um lado, a Madame de Vallière explica-se a Willermoz¹⁶, por outro lado, Willermoz, tendo sido testemunha, descreve-o ao maçom Bernard de Turkheim¹⁷. O negociante fazia questão de distinguir o fenômeno do magnetismo e do sonambulismo. A condessa, por sua vez, entrega os inícios da ação, nesta carta tardia escrita a Willermoz, quando juntos tentaram se reconciliar: “Onde eu aprendi a escrever? No silêncio de um retiro, sobrecarregada por uma longa doença e considerando apenas um próximo definhamento. Eu acreditei na bateria que me surpreendeu e assustou minha razão. Sozinha e na presença do Todo-Poderoso, invoquei meu anjo da guarda e a bateria me respondeu. Este é o começo” (ms. 5885, carta de 26 de julho de 1806).

Entre o mal e a escrita, a conexão ocorre por meio de um corpo e uma mente perturbados. Certamente uma crise. De que natureza? Aqui, a descrição dessas “baterias” suscita tantas perguntas quanto respostas. Tratam-se de sensações cinestésicas pelas quais o espírito que iria escrever pela mão do Agente se anunciava, sensações que ela descreve como “golpes dados”, ora em sua mão, ora em outras partes do corpo, e que ela contava para determinar a posição do espírito que se manifestava. A decifração do número de golpes baseava-se na simbologia dos números sagrados, familiar aos Eleitos, e que encontramos nos septenários, octonários ou outros termos que pontuam o Livro dos Iniciados. Para compreender o significado esotérico, é necessário não apenas consultar o Glossário do Livro, mas também buscar informações sobre sua significação, fornecida por Pasqually em seu Tratado. Portanto, novamente é difícil imaginar que o Agente fosse totalmente ignorante desses conhecimentos...

A menção de golpes dados nos faz lembrar das práticas espiritistas de decifração. Alice Joly rejeitou essa hipótese, já que essas práticas são bastante posteriores ao período em questão. Em contrapartida, os golpes seguiam as tradições maçônicas e reproduziam o ritmo daqueles dados pelo venerável da loja para anunciar a abertura ou o encerramento dos trabalhos. Assim, o Agente não os interpretou, ao contrário do que se tornou comum um século mais tarde, segundo um código alfabético. É notável que esses golpes eram não apenas perceptíveis (para o Agente), mas também visíveis, aparentes: Willermoz afirma ter sido testemunha disso. Essas “baterias” de golpes são como um anúncio que antecede o fenômeno da escrita. A condessa descreve então a pena “correndo a toda velocidade” ou rapidamente “correndo até preencher a página”. Ela declara ter ficado

¹⁶ Madame de Vallière para Willermoz, carta de 26 de julho de 1806, Ms. 5885, B. M. Lyon.

¹⁷ Willermoz para Bernard de Turkheim, carta de dezembro de 1785, Ms. 5668, B. M. Lyon.

surpresa e afirmava ceder com obediência a um poder irresistível. Aos setenta e cinco anos, ao recuperar seus Cadernos, ela os considerou como "um compêndio de verdades afogadas em parágrafos tão incompreensíveis quanto repugnantes" (Ms. 5885, Carta a Willermoz, 7 de novembro de 1806). Esse sentimento de estranheza, aliado ao desejo de manter os segredos, confirmou sua decisão: "Eu queimarei tudo" (ibid.).

Para aqueles que viram escritas mediúnicas (dos séculos XIX e XX), a semelhança se impõe com as "escritas automáticas", cuja arte foi codificada por Allan Kardec (Bergé 1990). Alice Joly observa sobre Madame de Vallière: "Tornando-se Agente, ela abrigava dentro de si a presença de outro." Se os médiuns espíritas aprenderam precisamente a abrigar dentro de si a presença de outro, foi ao dominar seu transe, regulando a entrada e a saída do espírito que se manifestava. Encontrar-se "possuído" por um espírito era para eles o grande obstáculo. Pode-se interpretar a experiência do Agente, então, como uma forma de transe selvagem que nenhum modelo cultural permitia regular.

No entanto, independentemente de suas condições de vida, e mesmo estando aprisionada durante o cerco de Lyon em 1793, a condessa continuou a escrever com profunda satisfação. Libertada por si mesma da tutela de Willermoz, ela recuperara parte de sua identidade. Paganucci recebia os Cadernos sem julgamento, sem ser alvo de paixões contraditórias. O misticismo do Agente podia agora se expressar em um fluxo livre de qualquer ressentimento.

Considerando o sofrimento que acompanhou sua gênese, a que deciframento esses textos se aplicam? Em 1958, Alice Joly trouxe as escrituras do Agente desconhecido à Sociedade de História da Medicina de Lyon: "Foi a análise de seus males que me levou a pensar que a interpretação histórica e psicológica desses fatos lhes convinha menos do que uma interpretação médica" (1962: 146). A arquivista reconhece que na época havia chefes de clínica e psiquiatras, mas não psicanalistas. Apesar de lamentar "o desaparecimento da confissão de Madame de Vallière, duplamente destruída pelo fogo e pelo pincel" (ibid.: 147), ela ouviu e endossou o diagnóstico de delírio estabelecido pelos médicos em relação às escrituras do Agente. O psiquiatra Louis Bourrât declarou a ela que no século XIX teriam diagnosticado uma "mediunidade histérica". Quanto a ele, preferiu classificar esse caso "tão interessante" entre os "delírios de influência com tema místico"...

Si me recuso a pensar que o Agente desconhecido possa se reduzir a tal interpretação, é porque ela não esclarece nada. Ela classifica. Essa leitura, que satisfaz a arquivista após todo um trabalho de análise rigorosa, apenas revela um desejo muito normativo. Ela transforma o Agente em um caso, que ilustra uma série. Despersonaliza-o. E isso põe fim ao abismo das perguntas. A arquivista mesma foi surpreendida pelos qualificativos *banalizantes* dados pelos médicos que estabeleceram o diagnóstico: "Essa cônica que permaneceu solteira demonstra, mesmo rejeitando os gestos, uma preocupação particular com o domínio da sexualidade. É uma observação comum em mulheres delirantes na fase menopáusicas" (ibid.: 148). Mas o diagnóstico envelhece tão rapidamente quanto a nosografia dentro da qual é produzido. Essa "explicação" não permite a investigação das múltiplas redes da história secreta que envolviam a condessa. Se, de fato, houve uma doença, poderíamos, é verdade, abordar o texto a partir das reflexões sobre a noção de "caminho patogênico secreto", tal como desenvolvida por Moriz Benedikt (Ellenberger 1995), isto é: "O efeito patogênico produzido por um segredo pesado e doloroso é conhecido desde tempos imemoriais, assim como a ação terapêutica da confissão em certas circunstâncias" (ibid.: 183). Pois é provável que o Agente tenha sido portador de vários segredos, dos quais a leitura (proibida) dos textos esotéricos estudados por seu irmão e o amor (proibido) por Willermoz eram os mais pesados. O Livro dos Iniciados, assim como os primeiros Cadernos, contém esse esboço,

incessantemente retomado, de uma confissão impossível. Seria esse esforço constante, direcionado para uma sublimação dos desejos, que conferiria ao texto essa distorção, esses impulsos abortados, esses recuos inexplicáveis e essa sintaxe fragmentada.

Além disso, há mais. Pois se, por hipótese, considerarmos a interpretação psiquiátrica, muito ainda permanece nas sombras, e a personalidade da Madame de Vallière aqui é fragmentada. Não apenas permanece inclassificável, no delírio, o fato real de que a condessa, junto com seu irmão, tratou centenas de pessoas através do magnetismo, com sucesso atestado por testemunhas locais da época. Além disso, tal interpretação não leva em conta a lógica evidente (ainda que estranha) que uma mente atenta percebe claramente. Da mesma forma, a questão do conhecimento real dos segredos maçônicos esbarra nas confissões de ignorância feitas pelo Agente. Seria ele apenas um mentiroso, um simulador? O problema permanece em aberto, na medida em que o que os Eleitos reconheceram como semelhante aos ensinamentos de Pasqually em nada pode ser reduzido ao delírio.

Em contrapartida, a ação do Agente ocupa um lugar interessante no contexto da época. Na verdade, através de Madame de Vallière, alguns travaram uma guerra de poder. O plebeu Willermoz acusa a ação de ser aristocrática (ele repreendia o cavaleiro de Monspey, nobre em um regime falido, por ter influenciado secretamente os trabalhos do Agente). A ambiguidade do comerciante de seda lionês para com a condessa não foi menor que a de seus compromissos políticos. Sempre oscilou entre um desejo de aristocracia e uma tendência "radical". Robert Darnton (1995) destacou bem nesse sentido o vínculo entre a aventura do radicalismo e o movimento mesmerista. Com um espelho fragmentado, mas não deformante, a escrita da condessa nos oferece um vislumbre de algumas verdades. Não as do Céu, mas de um grupo de homens e de uma sociedade. Ela revela conflitos entre conhecimentos e tradições, entre religião e ocultismo. Ela ajuda a compreender a condição das mulheres no final do século XVIII. Involuntariamente, ela nos fornece os dados de um problema que só seria abordado um século mais tarde, quando a ciência do inconsciente começasse a surgir: o problema da "relação", que agora precisamos considerar em um sentido diferente, para lançar um novo olhar sobre esses textos. Pois a pena cravada no corpo do Agente foi como uma faca que a rasgava: dizendo e não podendo dizer.

Entre misticismo e psicanálise

Hoje sabemos tudo o que a ciência nascente da psicanálise deve às abordagens feitas no século XIX em direção aos fenômenos "ocultos", ou seja, aqueles apresentados por sonâmbulos e médiuns, frequentemente mulheres. Destacamos desde já o status pelo qual elas serviram como objetos "bons para pensar" e muito propícios para ilustrar teorias por vezes já preestabelecidas¹⁸. Os estados de transe sonambúlico ou mediúnicos, frequentemente considerados como protótipos dos estados hipnóticos e, depois, classificados no vasto conjunto conhecido como "estados modificados de consciência", foram inicialmente decifrados como manifestações patológicas. Felizmente, as pesquisas subsequentes alertaram contra a fabricação artificial (pelos próprios cientistas) desses produtos de laboratório, ou de hospital, mais especificamente, que eram as histéricas-modelo. Essas mulheres, submetidas ao modelo sugerido, forneciam obedientemente a resposta esperada. Depois, os cientistas só precisavam ler o que eles mesmos haviam inserido na pessoa das pacientes.

¹⁸ Sobre as relações entre o contexto magnético e a psicanálise, consulte especialmente CARROY 1991, 1993; CHERTOK & STENGERS 1989; MÉHEUST 1988; Peter 1993, e Roussillon 1992.

Nos mesmos anos, raros pesquisadores se interessaram pelos médiuns e souberam considerá-los como atores, criadores de uma realidade particular. O psiquiatra suíço Théodore Flournoy, entre eles, merece nossa atenção. Ao contrário de Freud, ele fez dos fenômenos ditos “ocultos” o terreno de suas observações¹⁹. Seu “Estudo de um caso de sonambulismo”, publicado em 1900 sob o título *Das Índias ao planeta Marte*, apresenta os fenômenos mediúnicos daquela que Flournoy rebatizou de Hélène Smith. Este caso nos interessa particularmente, na medida em que apresenta analogias com o do Agente desconhecido. É notável que o psiquiatra suíço não tenha considerado Hélène Smith como pertencente à patologia. Pelo contrário, ele viu nela uma pessoa equilibrada e muito inteligente. Essa atitude o distingue dos outros sábios (Breuer, Freud, Janet) na linhagem dos quais ele próprio se coloca. Mas ele também trabalha em uma direção próxima da de Myers, que introduziu o conceito de “consciência subliminar”. Estudando os fenômenos mediúnicos, é a complexidade da consciência humana que Flournoy pretende abordar. Sua interpretação da mediunidade faz dela um trabalho auto terapêutico fecundo, e não um produto da patologia.

Nascida em uma família muito honrada, mas que “não correspondia às suas aspirações”, Hélène Smith foi uma criança sonhadora, emotiva e sujeita episodicamente a visões que desapareceram após a puberdade. Depois, tornou-se uma jovem ativa, assumindo bem seu trabalho em um comércio de armarinhos. Durante o inverno de 1891-1892, ela ouviu falar de espiritismo. Seus dons mediúnicos se manifestaram desde as primeiras sessões.

No percurso espírita da jovem mulher, três fatos nos permitirão lançar um novo olhar sobre o Agente desconhecido. Em primeiro lugar, Hélène começou a escrever sob a influência de seu guia, o espírito Leopoldo. A médium descreve como ele irrompe e toma posse de sua mão, mesmo quando ela está escrevendo para Flournoy: “Sinto um tremor muito forte no meu braço direito, eu diria melhor, uma comoção elétrica e que, percebo, me faz escrever tudo de través” (Flournoy 1983: 128). Outras comoções a sacodem dos pés as cabeça, fenômeno que provoca nela grande emoção. Hélène afirma que não pode lutar. Escrever às vezes é doloroso, mas eles pegam sua mão e ela deve obedecer.

Essas manifestações de uma alteridade imperiosa são muito semelhantes às do Agente desconhecido. O que uma descreve em termos de golpes batidos em seu corpo, a outra descreve em termos de choques elétricos; e assim como a grafia natural do Agente é completamente diferente da dos Cadernos, também a grafia natural de Hélène Smith é completamente diferente da de Leopold. As duas mulheres sentem essa impossibilidade de resistir e atribuem a escrita ao seu guia.

No que diz respeito ao conteúdo, as duas escritas estão impregnadas do contexto cultural no qual nasceram. Entre outros, Hélène desenvolve o que Flournoy chama de “romance marciano”, uma exploração ao mesmo tempo ingênua e fantasiosa dos seres do planeta que é então o assunto da conversa na moda. A descoberta dos famosos “canais” marcianos levou à questão: “Marte é habitado?” O romance marciano parece assim responder à expectativa formulada por um daqueles em cuja casa aconteciam as sessões, Auguste Lemaître. Na verdade, em novembro de 1895, enquanto Hélène “viajava” em direção a Marte, a mesa escreveu por golpes “Lemaître, o que você tanto desejava!” Encorajados pelo jogo de perguntas e respostas, segundo o costume das sessões espíritas, os devaneios de Hélène Smith se estruturavam em torno de temas caros aos participantes. Flournoy reconhece isso, ao confessar que não foi estranho à reviravolta que as coisas

¹⁹ Em sua posfácio para o livro de Flournoy (1983), Mireille Cifali destaca bem a negação de Freud em relação ao seu rival suíço: não apenas Flournoy seguia o caminho que Freud recusava, mas também chegou a hipóteses semelhantes.

tomaram. Ele então emite a hipótese de uma “sugestão” feita por aqueles que assistiam às sessões (incluindo ele próprio), sugestão que teria ocorrido no meio do jogo de perguntas e respostas. Mireille Cifali confirma essa hipótese citando um trecho da sessão (em Flournoy 1983: 375-376).

Neste contexto, Hélène inventa várias línguas. Nas sessões, entre outras coisas, ela falava um idioma chiante: o “marciano”. Essa “fala extática” parece inspirada, observa Flournoy, por “uma disposição emotiva particular, que se reproduz de tempos em tempos, mais ou menos sempre idêntica” (1983: 157) que ele acabou por chamar de “o estado marciano de Hélène”. O psiquiatra analisa a língua cujo corpus coletou entre 1896 e 1899 e descreve sua musicalidade, que “parece nos trazer o eco de uma era remota, o reflexo de um estado de alma primitivo” (ibid.: 220).

Alternando com o que o psiquiatra chama de “ciclo marciano”, desenrolava-se o “ciclo hindu”, que também teve sua língua. O aparecimento, nesta última, de termos sânscritos e nomes indianos despertou a curiosidade de Flournoy e do linguista Saussure, que o estudaram com atenção. Como Hélène poderia ter tido conhecimento desses termos? Uma investigação minuciosa descobriu as fontes reais pelas quais a jovem pôde conhecer esses fragmentos de sânscrito, assim como os nomes de personagens cuja existência foi atestada. Longe de supor então uma mistificação da parte de Hélène, Flournoy empreendeu ao contrário observar o estado em que a médium inventava essas línguas. Na sequência de Myers, ele aprofundou a ideia de “memória subliminar”: ele fez a hipótese de que a jovem, tendo esquecido o que sabia, o teria reencontrado em fragmentos por ocasião do transe mediúnico. Este modo de lembrança paradoxal não é, segundo ele, um “simples retorno de antigos produtos prontos”. Flournoy vê ao contrário nesta faculdade de combinar elementos de fontes diversas “um processo ativo em plena evolução”. É então um processo de mesma natureza que levou o Agente desconhecido a compor seu pensamento inserindo nele fragmentos do ensinamento de Pasqually?

Voltemos agora à maneira como o processo mediúnico se sustenta em certo modo de comunicação com os participantes: é ali que a “relação” nos reserva surpresas. Porque o conteúdo dos monólogos sonambúlicos da jovem mulher, conteúdo parcialmente ligado ao desejo ou às expectativas de certos assistentes, manifesta uma distribuição de papéis que lembra, ela também, o clima da Iniciação. Na verdade, Flournoy vê atribuído a si uma posição de grande importância no ciclo hindu: ele não é outro senão o príncipe Sivrouka, sendo Hélène a princesa Simandini. No roteiro mediúnico, ela interpreta a mulher apaixonada que espera o retorno de seu belo esposo. O psiquiatra observa que, se às vezes ela vinha se apoiar nele e cantar seu romance de outro mundo, sempre permanecia pudica. Gestos ternos, nenhum excesso, apenas uma melancolia dirigida ao ser invisível pelo qual ela sofria. Não nos surpreendamos então se, entre os termos sânscritos, frequentemente voltavam palavras como *marna priya* que, de acordo com Saussure, significam “meu amado, meu querido”. Maneira velada de dizer o que a animava.

De novo, como no que ligava o Agente a Willermoz, uma história secreta dobra as histórias imaginárias. E Flournoy está longe de dizer tudo quando afirma que essas criações “encarnam um rumo ou um ideal secreto de seu ser”. A linguista Marina Yaguello (1984) não hesita em nomear o relacionamento romântico entre o médico e seu sujeito de “história de amor”. A natureza complexa da “relação” escapou a Flournoy. No entanto, ele teve que pagar o preço por esse desconhecimento. Porque a médium, confessando ter se “devotado” a ele por anos, protestou quando, assim que terminadas as observações, o médico publicou o conteúdo delas. Ela desejou intensamente, ao longo de dez anos de uma correspondência amarga com ele, retomar a posse daquilo que considerava ser suas produções. Ora, como Willermoz, Flournoy não fazia disso a sua obra? Estigmatizando esse erro relacional, reconheçamos, porém, que o psiquiatra se

comportou com humanidade para com H el ene Smith. Nada comparável ao imperdoável desprezo que foi o de Jung para com a sonâmbula S.W, cujas observa oes foram publicadas em sua tese em 1902²⁰. Mas o problema permanece inteiro: trata-se aqui de sublinhar a natureza estranha da rela ao entre esses homens, fortes de uma autoridade em matéria de saberes, e essas mulheres que o status de sujeito barrado transforma em objetos transversais, em ferramentas de investiga ao²¹.

No contexto cultural em que se unem os séculos XIX e XX, vemos se articular a trama complexa que deu origem   importante hipótese da “rela ao” (os magnetizadores falavam desde o século XVIII da “liga ao”), a qual deu lugar, nos meios psicanalíticos, aos conflitos que conhecemos. Talvez essa hipótese tenha escapado a Flournoy porque ele não procurava fundar uma terapêutica. Essa arte de inventar, a meio caminho entre o sonho e o real, entre a memória e a atualidade, entre si e os outros,   isso que   a mediunidade para Flournoy. Movida por um desejo de explora ao do invisível, levada por um movimento em dire ao ao mito e   utopia, ela   para ele da mesma natureza que a cria ao artística. Uma espécie de fuga do mundo, inscrita de uma maneira deslocada na história presente, mas trazendo realidade a ela. Não loucura, mas resposta às expectativas dos outros e às insatisfa oes pessoais, em uma experiência exaltante. Pois, como o Agente desconhecido, H el ene Smith foi uma mulher que não encontrou seu lugar. Podemos então compreender o destino do Agente sob esta luz de uma história das mulheres entre os séculos XVIII e XIX. Algumas delas, prisioneiras de uma condiçao difícil, tentavam uma saída e realiza ao.   impressionante ver como essas tentativas podiam se voltar contra elas. Quantas m ediuins foram consideradas loucas, histéricas, porque outra dentro delas buscava sair? Flournoy merece nossa estima por ter afirmado: “Está longe de ser demonstrado que a mediunidade seja um fen meno patológico” (1983: 59). Mas além disso, o psiquiatra su co ressalta aqui um estigma de nossas culturas. Pois ele observa que na Inglaterra e nos Estados Unidos, os sábios veem nela, ao contrário, uma “faculdade vantajosa, sadia, da qual a histeria seria uma forma de degenera ao, uma falsifica ao patológica, uma caricatura mórbida” (ibid.).

A diferença que podemos fazer entre o Agente Desconhecido e H el ene Smith   a seguinte: a condessa, em sua solidão, viveu uma forma de transe que nenhum modelo cultural ritualizou, que nenhum espaço social autorizado reconheceu. Ao contrário, como diz Flournoy, a médium su ca, um século depois, encontrou nos círculos espíritas onde exercia o papel de médium uma saída para canalizar as correntes da imagina ao subliminar e servir como válvula de escape. No entanto, presa entre dois caminhos, o de médium e o de objeto da ciência, H el ene rompeu com os dois meios onde buscava sua identidade e se orientou para o misticismo. Sem d vida, era esse o caminho que mais lhe convinha, como para o Agente Desconhecido, já que perseverou nele.

Uma abertura para o invisível, mas sem intermediário humano,   a forma de caminho em dire ao ao Outro que as duas mulheres escolheram finalmente. Era isso em consolo do amor frustrado? Não só. Pois parece que podemos recorrer aqui às belas análises de Michel de Certeau (1982) sobre o impulso da mística, e   nessa dire ao que pretendo prosseguir minha pesquisa. De Certeau de fato discerne um vínculo entre a palavra mística e o sentimento de um exílio pessoal, entre o segredo (o indizível, o místico

²⁰ Ao contrário do que afirma uma nota do editor (Ellenberger 1995: 387), a tese de Jung foi traduzida para o francês.   verdade que s o encontrei uma única cópia dessa tradu ao, na biblioteca da EHESS, sob a cota MSH 29723.

²¹ Jean-Pierre Peter (1976), que explorou essa rela ao no que diz respeito a mulheres e médicos, está atualmente pesquisando a mesma rela ao entre mulheres e psicanalistas. Algumas pistas também são fornecidas por Ellenberger (1995: 375-388) sobre a atitude de Jung em rela ao   sonâmbula S. W. (que era sua prima).

ou o "oculto") e a dor. Ele analisa a motivação dessa busca por uma fala original e o ímpeto que leva a criar essa "escrita bonita, mas ilegível". Os místicos, esses seres ao mesmo tempo tão fecundos e de grande ideal, são também indivíduos deslocados de si mesmos e de sua sociedade.

Ardente de amor pelo Outro, eles o vivenciam na própria impossibilidade e criam caminhos extáticos ao longo dos quais viajam, como se fossem arrancados de seus próprios corpos. Investigações mais aprofundadas poderiam nos permitir encontrar uma conexão entre a via mística conforme ela se desenvolveu da Idade Média aos Tempos Modernos, e os fragmentos ainda legíveis nos fenômenos conjuntos do sonambulismo e da mediunidade. Pois me parece claro que as escritas sonambúlicas têm uma afinidade com as escritas chamadas "inspiradas" dos místicos. Além disso, os fenômenos de êxtase, visão, dores corporais, etc., apresentados por místicos e médiuns seguem um modelo sugerido pela cultura na qual se manifestam. No entanto, após a Revolução Francesa, o tempo tomou uma inclinação e o obscurecimento do ideal religioso levou à rejeição desses "loucos sagrados". Preferiu-se pensar neles apenas como histéricos: uma maneira de estigmatizar o que escapa a nossa discernibilidade. Um belo exemplo desse recalçamento induzido pela cultura, a parte mística torna-se uma personalidade secundária, uma espécie de eu sonhado, mantido à distância. Duplo recalçamento, aliás. Pelo sujeito que divide sua identidade e pelos que são testemunhas disso.

Entre aqueles que concordamos em designar como "místicos", o desenvolvimento das forças espirituais é acompanhado por desdobramentos semelhantes. Como um modelo de superação de si mesmo, essa maneira angustiante de acolher o Outro é vivida como uma busca de realização. Talvez possamos, da mesma forma, tentar seguir o processo criativo, o trabalho regenerador e certamente auto terapêutico dos médiuns. Encontraríamos algo muito mais próximo da arte do que da patologia. Ainda resta decifrar o que, reprimido, tornou a mística um caminho culturalmente gradualmente insustentável, até mesmo proibido. Desse processo, o Agente Desconhecido é como o primeiro testemunho histórico.

Grupo de Pesquisa sobre Interações Comunicativas
UMR 5612, CNRS, Lyon. Universidade Lumière Lyon II,
5 Av. Pierre Mendès France, CP II, 69676 Bron Cedex

Agradeço a Jean-Pierre Peter por suas sugestões frutíferas e por sua leitura exigente deste artigo, assim como à Fondation Singer-Polignac pela bolsa de pesquisa que me foi concedida.

BIBLIOGRAFIA

Manuscritos da Biblioteca Municipal de Lyon

- Ms. 5425 : Correspondance J.-B. Willermoz / Jean de Turkheim.
- Ms. 5477 : Copie des Cahiers des Initiés (Agent inconnu).
- Ms. 5478 : Sommeils de Jeanne Rochette : 1 1 cahiers manuscrits.
- Ms. 5526 : Documents mystiques.
- Ms. 5668 : Correspondance J.-B. Willermoz / Bernard de Turkheim.
- Ms. 5885 : Correspondance J.-B. Willermoz / Agent inconnu.
- Ms. Encausse 1 : Deux manuscrits autographes de l'Agent inconnu.
- Ms. Encausse 40 : Correspondance P. Encausse / A. Joly au sujet des deux Cahiers conservés de l'Agent inconnu et photocopie de ces Cahiers.

Manuscritos da Biblioteca Municipal de Grenoble

T 4188 : Livre des Initiés. Papiers Prunelle de Lière.

OBRAS

AMADOU, R.

1981 «Lettres de L.C. de Saint-Martin à J.-B. Willermoz, 1771», Renaissance traditionnelle 48, octobre : 273-290.

1 987 « L' occulte à la bibliothèque municipale de Lyon », 1 1 2e congrès des Sociétés savantes, Histoire moderne et contemporaine, II. Lyon.

BENEDIKT, M.

1995 «Le secret pathogène», in H. F. Ellenberger 1995 : 183-205. [Éd. orig. «The Pathogenic Secret and its Therapeutics », Journal of the History of the Behavioural Science, janv. 1966, 2 (I)-]

BERGE, C.

1990 La voix des Esprits. Ethnologie du spiritisme. Paris, Anne-Marie Métaillié.

1995 L'au-delà et les Lyonnais. Mages, médiums et francs-maçons du xvif au XXe siècle. Lyon, LUGD.

CARROY, J.

1991 Hypnose, suggestion et psychologie. L'invention des sujets. Paris, PUF.

1993 Les personnalités multiples. Entre science et fiction. Paris, PUF.

CERTEAU, M. de

1982 La fable mystique 1, xvif-xvif siècle. Paris, Gallimard (« Tel »).

CHERTOK, L. & I. STENGERS

1989 Le coeur et la raison. L'hypnose en question, Lavoisier à Lacan. Paris, Payot.

DACHEZ, R.

1996 «Sources et fonctions de l'histoire secrète chez J.-B. Willermoz (1730-1824)», Política Hermética 10 : L'histoire cachée : 79-89.

DARTON, R.

1995 La fin des Lumières. Le mesmérisme et la Révolution. Paris, Éd. Odile Jacob, nouvelle édition.

Première traduction française : Paris, Librairie académique Perrin, 1984. [Éd. orig. : Mesmerism and the End of the Enlightenment in France. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1968.]

EDELMAN, N.

1995 Voyantes, guérisseuses et visionnaires en France (1785-1914). Paris, Albin Michel.

ELLENBERGER, H.-F.

1994 Histoire de la découverte de l'inconscient. Paris, Fayard. Première traduction française : Villeurbanne, SIMEP Editions, 1974. [Éd. orig. : The Discovery of the Inconscious. The History and Evolution of Dynamic Psychiatry. New York, Basic Books, Harper Collins Publishers Inc., 1970.]

1995 Médecines de l'âme. Essais d'histoire de la folie et des guérisons psychiques. Textes réunis et présentés par É. Roudinesco. Paris, Fayard.

FABRY, J.

1989 Le théosophe de Francfort J.F. Von Meyer et l'ésotérisme allemand au XIXe siècle (1772-1849), I-II. Berne - Francfort-s.Main - New York - Paris, Peter Lang.

FAIVRE, A.

1986 Accès de l'ésotérisme occidental. Paris, Gallimard.

FLOURNOY, Th.

1983 Des Indes à la planète Mars. Paris, Le Seuil. (1re éd. Genève, 1900.)

GARDEN, M.

1975 Lyon et les Lyonnais au xvme siècle. Paris, Flammarion.

HAUDIDIER, FRANÇOISE

1981 « Portraits de chanoinesses », Renaissance traditionnelle 48, octobre : 258-272.

JOLY, A.

1938 Un mystique lyonnais et les secrets de la franc-maçonnerie. Mâcon, Protat.

JOLY, A. & R. AMADOU

1962 De l'Agent inconnu au philosophe inconnu. (Première Partie : A. Joly, J.-B. Willermoz et l'Agent inconnu des Initiés de Lyon). Paris, Denoël : 1 1-154.

JUNG, K.G.

1902 Tur Psychologie und Pathologie sogenannter okkulter Phänomene. Leipzig, Oswald Mutze. Traduit de l'allemand par E. Godet & Y. Le Lay : À propos de certains phénomènes dits « occultes ». Étude de psychologie et de pathologie. Paris, Aubier, 1938.

LE FORESTIER, R.

1970 La franc-maçonnerie templière et occultiste aux xvne et xix^e siècles. Paris, Aubier Nawwelaerts.

Martinez de pasqually Dom

1974 Traité de la réintégration des êtres créés dans leurs primitives propriétés, vertus et puissances spirituelles (1899). (Réédité par R. Amadou, Paris.)

MEHEUST, B.

1994 « La somnambule du XIXe siècle : " suggest " ou " surjet " ? », in La règle sociale et son au-delà inconscient, Paris, Anthropos.

PETER, J.-P.

1976 « Entre femmes et médecins. Violences et singularités dans les discours du corps et sur le corps d'après les manuscrits médicaux de la fin du xvme siècle », Ethnologie française VI (3-4) : 341-348.

1993 «Le sommeil paradigmatique. Les découvertes et avancées thérapeutiques de Puységur», Chimère, automne : 179-195.

PUYSEGUR, A.M.C.

1986 Mémoire pour servir à l'histoire et à l'établissement du magnétisme animal (1784). Paris, Privat.

ROUSSILLON, R.

1992 Du baquet de Mesmer au « baquet » de S. Freud. Paris, PUF.

VULLAUD, P.

1928 Les Rose-Croix lyonnais. Paris, Nourry.

YAGUELLO, M.

1984 Les fous du langage. Des langues imaginaires et de leurs inventeurs. Paris, Le Seuil.